

# AFROS & AMAZÔNICOS



## HISTORIA, CULTURA E SABERES MÉDICOS NO VALE DO ZAMBEZE: ENTREVISTA COM SR. DOMINGOS MAGESTADE CHAGULUKA

*António Alone Maia\**

### Preâmbulo

Esta entrevista teve lugar no dia 30 de julho de 2013, na cidade de Tete, em Moçambique e faz parte de uma série de entrevistas realizadas no mesmo ano durante a pesquisa de campo, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social que culminou com uma Tese. Domingos Magestade Chaguluka é apenas um entrevistado entre outros com os quais nós tivemos contacto directo para ouvir e aprofundar vários aspectos relacionados ao povo Nyungwe e a sua cultura. O Entrevistado é natural de Tete e grande portador e conhecedor da história e cultura Nyungwe assim como de alguns saberes etnomédicos. Durante a sua trajetória estudantil teve uma passagem pela missão Católica de Carapira em Nampula, facto que lhe permite comparar culturas e grupos étnicos. Viveu mais de 30 anos no Songo, Distrito de Cahora Bassa como trabalhador na empresa Hidroelétrica de Cahora Bassa e também desempenhou as funções de animador da comunidade Imaculada Conceição por algum tempo, uma das Comunidades Eclesiais de Base na Paróquia de São José Operário do Songo. Actualmente é reformado e faz parte das comissões buscam traduzir a Bíblia do Português para a língua Nyungwe. Seu apelido Chaguluka significa algo que se auto deslocou, ou tirado. Sendo assim, é preciso voltar a colocar. É um nome que carrega uma relação de oposições e tem grande significado no contexto do Vale do Zambeze.

**António Alone Maia:** Sr. Domingos muito boa tarde.

**Domingos Magestade Chaguluka:** Boa tarde.

**António Alone Maia:** Em primeiro lugar queria lhe agradecer pela disponibilidade e por ter aceite o convite para podermos conversar um pouco mais sobre os Nyungwe né? Então, em primeiro lugar gostaria que dissesse o nome completo, profissão, grupo étnico a que pertence.

**Domingos Magestade Chaguluka:** Ya, obrigado por esta oportunidade que me dá né! É uma oportunidade impar e dos meus antepassados, principalmente aqui em Tete. Eu sou Domingos Magestade Chaguluka. Os meus pais dizem que me deram Domingos porque meu avó era Domingos. São do clã Chawa, onde muitas das vezes estão acostumados a dizer que os Chawas são vindouros de Dombo Chawa, no Zimbabwe. Então, foram para o Zumbo o avó, os bisavós pertenceram ao grupo Chikunda. Mas o que sei agora de certo, depois de muita investigação, disseram-me que, esses Chawas é um dos grupos goeses que vieram aqui para fazer negócios. Ao fazer negócios traziam esses produtos para plantação: mapira, milho, maxoeira. Era a zona do Monomotapa. Também conseguiram se casar com a gente daqui e se meteram dentro até ao reino de Monomotapa até o Zimbabwe, onde se instalaram no Ndombo Chawa.

\* Doutor em Antropologia Social pela USP. Docente da Universidade Rovuma-Moçambique; Membro e pesquisador da Casa das Africas; Membro e pesquisador do CERNe-USP; Membro e pesquisador do NAU-USP.



Então, lá em Ndombo Chawa significa que são pessoas que respeitam, são pessoas que trouxeram a cultura de mapira, maxoeira, onde se dividiram em linhagens. A minha linhagem é de Chawas mas que foram para Zumbo, também lutaram ao lado dos Chikundas. Chikundas quem são? São os Tongas daqui. Por que a língua que se falava aqui era exatamente esse Tonga e os Tongas fazem parte da tribo dos Bitongas né! Lutaram lado a lado do Monomotapa. São os Tongas e os Tauwaras que estiveram a favor do Monomotapa e e reinaram aqui essa zona limite. Onde é que reinaram os Tongas? Foi aqui o Zambeze, a linha de Changara até Zimbabwe, Kutchamano. Tudo isto era Tonga. Os que vivem daqui de Tete para cima são Chonas. Os *mambos* (reis) deles são todos Chonas. Mesmo os Tongas eram assessorados pelos Tauwaras. Dizer que, pelo que investiguei desde 1825 lutaram 35 anos para conseguir a hegemonia desse Zambeze. Portanto, os Tauwaras foram considerados Tauwaras, mas são Macarangas aqueles. São considerado Tauwaras porque era Tava, e tiraram o 'V' para por o "W" em inglês. Tava significa que nós fechamos, eles não admitiram mais outros povos que atravessassem para aqui. Os Tongas são aqueles que andaram a governar. Tongas aqui no sentido de *kutonga* governar e não do Bitonga. aqui pelos nyungwe são entendidos como aqueles que andaram a governar. Tonga em cinyungwe é dar ordem. *Ntongui*, por exemplo em Tete é o governador. Portanto, eles eram os governadores desta zona aqui. Todos os impostos que reconhiam iam dar ao Monomotapa. Essas minas que havia por aí, todo o estrangeiro que vinha tinha que entregar ao rei Tonga para ir entregar ao Monomotapa. Portanto, Tongas, eram bons guerreiros. Pelo que eu sei e investiguei, todos esses, até os da África do Sul, vieram do Norte de África, do centro da África. Principalmente os Tongas, vieram na fronteira, como disse o meu professor Sr. Jorge Dias na sua antropologia, no primeiro volume, diz que os bantu, a origem dos bantu, um grupo dos bantu, saiu da fronteira entre Nigéria e Camarões.

Porque ali era zona árida, devido a essas secas cíclicas, vieram a descer para aqui. Então esses Tongas casaram com os asiáticos do Norte da Ásia, atravessaram o Rio Nilo e vieram aqui e se casaram com esses. Então estes, em conjunto vieram a descer para cá a baixo. Eu estou triste, na África, por saber que Deus nos deu essa possibilidade de estarmos aqui na África, só que, Deus nos deu uma característica de sermos boas pessoas, queremos todos os hospedes. Só que aqui em riquezas temos essa riqueza mineral, mas em animais e outras coisas somos pobres.

Os africanos negros vindos do sul do Sahara não tinham muita coisa. Tudo o que tinham de sementeira, cães essas coisas, bois vieram lá do norte da Ásia. Então, porque houve intercâmbio os asiáticos e nós. Então, pronto, casaram-se e vieram a descer para aqui. Eu sou daqui, onde os meus pais disseram que vieram do Zumbo, quando começou a Igreja Católica, o meu bisavó, um dos meus avós cozinheiro dos padres da Igreja católica veio se instalar aqui em Boroma onde casou e fez muitos filhos. Por causa dessas fomes cíclicas que acontecem em Tete, atravessaram o Zambeze, a partir de Degwe, aí onde era kasumbadedza cá para outro lado.

Então com isso eu fiquei muito interessado e o meu pai era alfaiate, trabalhou no Zimbabwe, trabalhou no Malawi, lá ele foi convidado para entrar nas outras igrejas. Ele não quis, mas quis a Igreja católica porque o pai dele era cozinheiro da Igreja Católica apreciou a Igreja Católica e prontos. Então, ele como era Domingos, eu quando nasci saí Domingos, mas depois de um tempo eles passaram para o segundo nome, porque o filho aqui quando nasce dá-se o primeiro nome e depois dá-se o segundo nome. Eu me deram segundo nome o nome de Lino e depois quando foram me registrar registraram-me com Domingos. Hoje eu agora sou Domingos Magestade Chaguluka. Mas procuramos saber, papá o que aconteceu? Foi Magestade por quê? Foi alfaiate e sabia cozer muito bem e trabalhou aqui com os portugueses como alfaiate e todo problema que acontecia com a costura, eles diziam,



“diga a sua magestade para resolver”. Então senhor magestade foi atribuído assim, mas tradicionalmente ele é Chapenha, Aliás, por causa dos usos e costumes na tribo tem que ter nome primitivo e depois tem que ter nome segundo, terceiro e depois quarto nome. Meu pai foi Guntho e depois veio a ser Chapenha porque substituiu.

Aqui quando alguém morre, é sororota, tem que ser substituído. O meu pai substituiu a um Gona kumbuyo, a um senhor primo e chamava-se Gona kumbuyo. Então passou a substituir aquele *nthaka*, nos chamamos *nthaka*.

Mas o meu pai era muito interessante, falei com ele, vivi com ele, ele gostava.

**António Alone Maia:** Esse Guntho significa o quê?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Então, aquele calado. Guntho é a pessoa calada, mas significa uma erva que nasce à beira do rio. Então essa, até usam para curar essas doenças *gunthu*.

**António Alone Maia:** E esse Chapenha o que significa?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Chapenha quer dizer que, aquele que estava a dormir ressuscitou, abriu. Aquele que morreu era *Ngona Kumbuyo*, mas agora o que entra *nthaka* passa a ser *Chapenha* para substituir.

**António Alone Maia:** Então o seu pai ele substituiu?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Sim, substituiu a um primo dele para poder controlar a herança, o nome da herança. aqui em Tete trabalha-se muito com nomes de herança.

Por isso, não é por acaso quando ouvir os nomes como *Chaguluka*, *Chagaka*, *Chaguluka*, *Chabwedzeka* ou *Chathima Chagaka*. Quer dizer, que quando um morre que era Chatima, o que vem será Chagaka. Quando um *Chambutha* morre, o que vem será *Chambuluka*. Quando um é *Chasweka* o outro é *Chaphata*. Então é a cultura. Então os nyungwe aqui são reconhecidos por causa dos seus mitupos, quer dizer os seus nomes, basta dizer que este é *Chasweka*, *Chambutha*. Então esse é um nyungwe mesmo, e não pode ser um *Chasweka* do Malawi e nem um *Chambutha* do Malawi. Este é um nyungwe mesmo. No Malawi não tem *Chambutha* e *Chasweka*. Este é um nyungwe.

Então os nyungwe estenderam-se aqui assim, os nyungwe. O povo nyungwe, um Tonga atravessou o rio foi para o Malawi, casou com um Man'ganja, há uma raça Man'ganja que falavam a língua Chinkhota. Então esses casaram e tiveram um filho e lhe deram o nome nyungwe. Este filho fez muitos filhos lá na zona do Malawi, Man'ganja da Costa. Então um belo dia, uma das filhas casada e já com filhos saltou.

Então, os nyungwe são vindouros do lado esquerdo do Zambeze, Aliás do sul do Malawi. São vindouros do sul do Malawi como diz o nosso historiador americano que estudou os usos e costumes de Tete, que estudou os usos e costumes de Tete, diz que, os nyungwe são oriundos do sul do Malawi e estes, só uma senhora veio para aqui, atravessou com seus guardas e veio ficar aqui perto de *Kalowera*. Então os portugueses, esse historiador investigou a ela e ela explicou a história e naquela altura havia processos para ver o tipo de sangue, e toda a fisionomia. A antropologia estuda o individuo né? Então foram ver aquela senhora com muitos que vieram habitar aqui tem o mesmo sangue com muitos habitantes do sul do Malawi da zona do *Cikwawa*. Então, por isso, aquele historiador disse que os nyungwe, o povo que veio ficar aqui saiu de lá.

Então, esses aqui, porque os nyungwe não havia nada, havia os Tongas. Porque essa senhora também foi atrás do pai, porque o pai daquela senhora era Tonga. Então o que é que aconteceu? Quando o nyungwe começa a subir, mas a fama começou a subir a partir de lá.



Lá na foz entre o Luenha e o Zambeze onde era o cúmulo, a capital dos Tongas. Então pronto. Os nyungwe instalaram-se aqui, casaram com tanta gente. Então, os nyungwe, a zona deles é aqui em baixo, mesmo a fronteira do Luenha, Moatize, aqui Zambeze, aqui no Mphanda. Os nyungwe ocupam pouca zona aqui, mas a língua deles, como eles vieram aqui e falaram o Tonga que é a língua dos pais deles, falaram como como falam agora, então foram.

Quando os portugueses vieram aqui fazer negócios, os nyungwe tinham aquele seu processo de serem, quase guardas.

A língua nyungwe quase não se percebe. Eu vou a muitos investigadores dizem que muitas palavras nyungwe é substituída pelo Português, por quê? Porque eles trabalharam muito com os portugueses e os portugueses utilizaram a língua nyungwe para dominar mesmo. Era preponderante e dominante a língua nyungwe.

Hoje parece que custa muito chamar os nyungwe a falar a língua deles. Parece que não conhecem, mas conhecem.

Mas essa palavra nyungwe, como é que aparece? Porque dantes eram Chikundas a pertencer (...). Eram os Tongas.

Chikunda eram dominadores e tiveram uma tropa. É dominador. No sentido lato Chikunda é tropa. Mas no sentido restrito, Chikunda é um dominador.

Até há uma historia aqui, quando um filho leva a coisa do dono, diz-se:

— ***lwe na ucikunda bwakobo, na umakombe bwacobu***. Porque era o processo dos Macombes. Os Macombes dominavam aos outros, roubavam aos outros. Então ali, esse nome Chikunda, quase que é pejorativo de facto. Mas o nyungwe aqui fica contente quando, eh eh.

Essa língua Chikunda foi muito escrita no Zimbabwe. Portanto eu vejo agora, fui convidado por uma instituição que está a escrever a Biblia em cinyungwe e lá temos muitos livros, onde temos livros chikundas. A língua chikunda, que é esse chinyungwe escrito no Zimbabwe. Escrito no Zimbabwe. Portanto, a nossa língua não está perdida. Está conservada, porque por aquilo que eu sei, é do Zimbabwe para aqui. Porque basta chegar em, em, Zimbabwe, no Harare City Center, basta dizer:

— *Yatokota massau ku gombe!* (amadureceram maçanicas no rio?) *ukati inde, ya toko-tamassau kugombe*. (Quando diz que sim amadureceram). *Ndiko kulewa kuti ndiwenyungwe iwepo* (isso quer dizer que você é um nyungwe).

— *Yatokota massau kogombe* (amadureceram maçanicas no rio) é um nyungwe. É *chikunda*. Primeiro é *chikunda*. Nyungwe quando é que aparece? Aparece quando os brancos aparecem por aqui. Essa palavra *nyungwe* parece que é dos Tauaras. Aqui criou-se um posto de trabalho onde precisou-se de muita mão de obra e muitos lá, quando vinham de Tauara, da onde, da onde, para vir trabalhar aqui, diziam:

— *Imwepo mun'kuphatabasa kuponi?* (Vocês onde é que trabalham?) *Ati ndiri kuphatabasa apoo pa ka nhu gwe*. (Trabalho alí, no mergulhar e amontoar).

*Nyu gwe*, (mergulhar e amontoar) essa palavra diz:

— Vinha um Canhoeira, não sei, Conhoeira, dizia-se em português. Trazia muita coisa, coco e outras coisas. Os portugueses traziam e atracavam aqui e aqueles com guindaste (grua) tiravam a mercadoria para fora. Então, *nyu gwe*, é *kunhula* em *cinyungwe* é *kunula* e *kugwezeka*. *Ka nyu gwe*. Ali punham pouca coisa e aqui dessa margem punham muita coisa. *Ka nyun gwe* (mergulhar e amontoar). Aqui muitas vezes quando eu era crian-



ça, diziam: *Munfuna kuyenda kuponi?* (Onde querem ir?) *ati ndiri kuyenda ku nyungwe* (diz que vai no lugar onde se mergulha). Mas *muli kuyenda ku nyungwe? Kunhungwe nkuponi?* (Mas vai no lugar onde se mergulha, a onde mesmo?).

*Ku nyungwe* é ali quase no porto. ali na ponte, mais aqui para a Almadia onde as coisas atracavam, o navio, o caminhoneira tirava as coisas. Então os Tauaras diziam:

— *Tinkuyenda ku kan nyu gwe ka phata basa* (Vamos no lugar onde se mergulha e se amontoa trabalhar). Então o *nyungwe*, quando é dito um *nyungwe*, porque ele também tinha uma maneira de ser muito equipado. Era homem trabalhador e de muita defesa, andava com *madipa*, com cetras, com lanças não sei o que. Em qualquer momento ou está a apascentar gado, ele andava com tudo.

Então, o dizer *nyungwe* quer dizer que o *nyungwe* é trabalhador, aquele que tem tudo, tudo. Homem equipado. Então o *nyungwe* fica satisfeito, esse nome não é no sentido pejorativo, mas trás orgulho. (...)

Mas o *nyungwe* fica contente, porque esta-lhe a respeitar, dizer que você é um *nyungwe*. Então diz que a sim, tenho tudo.

Então *nyungwe* é aquela pessoa que tem tudo, é defesa em casa. Arma dele era a seta, não sei o que, para defender. Portanto, os *nyungwe* estão aqui.

Agora a língua dos *nyungwe*, nós vamos fazer ressuscitar, porque os *nyungwe* gostam. Só que gostam muito de imitar aquilo que é dos outros, as coisas vindouras, porque, isso, pensam os *nyungwe* que isso é evolução, imitar imitar.

Aparece aqui um Inglês todos os *nyungwe* falam inglês. Aparece um Francês todos os *nyungwes* começam a falar o francês. Os *nyungwes* são muito inteligentes. É por isso que encontro muitas velhas a falar com os Cewas e dizem que, se a capital *nyungwe* fosse dos cewas, toda a gente falava Cewa. Se fosse Sena, todos falavam Sena.

Por isso o *nyungwe* é aquele que gosta de ouvir o seu *nyungwe* de facto, mas não gosta de falar, as vezes não gosta de falar.

**António Alone Maia:** Então tem vergonha?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Tem um pouquinho de vergonha do que é seu.

**António Alone Maia:** De onde veio essa vergonha? Será do convívio com os portugueses?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Exatamente, a pergunta aparece exatamente assim: os *nyungwes* como viveram muito com os portugueses, então os portugueses aproximaram os *nyungwe*, fizeram entender a sua maneira de falar aos *nyungwes*, e os *nyungwes* começaram a falar para poder dominar os outros. Então foi um pouco, o que em tempos passados, dominou.

**António Alone Maia:** Os outros, quem são esses outros?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Os outros, eu tenho uma sorte de encontrar uma escrita onde um senhor padre dizia que chegou em Boroma, mas havia dois focos em contradição que de quando em quando lutavam. Quer dizer eram os Tongas, os Tongas são os *nyungwe*, com os cewas de Macanga. Esses eram reinos inimigos esses.

Agora o *tauara*, o *tauara* muitas das vezes passou a considerar o *nyungwe* como um *nkwas* (genro). O melhor *nkwas* que o *tauara* tem é o manyungwe. Portanto, havia paz já, porque estavam governados pelo Monomotapa. Mas outros povos aqui. Mas são bons guerrilheiros esses, os Tongas, são bons guerrilheiros.



Entre os povos que havia aqui, são tantos. São tantos, são esses *Man'ganja*, os *nyanja* que são os Zambianos. Muitas tribos que havia aqui e que não conseguiram ficar aqui por causa da força dos *nyungwe*, por causa, não permitiram mesmo. Sob o comando dos Monomotapa, os *nyungwe* e os Tauaras não permitiram que outras raças viessem aqui.

**António Alone Maia:** Então, isso quer dizer que os *nyungwe* fazem parte do grupo de Monomotapa?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Fazem parte do grupo de Monomotapa. É o grupo que se instalou desse lado aqui. É por isso que vemos muito bem, o grupo de Monomotapa, no reino de Monomotapa, o casamento, o lar era Patrilinear e vemos aqueles Maraves, Malawi e Zumbo são todos esses matrilineares.

**António Alone Maia:** E a propósito disso mesmo, que eu queria perguntar: como é a família *nyungwe*? Se quisermos caracterizar uma família *nyungwe* que é diferente daquela que não é *nyungwe*. A característica principal é ser patrilinear ou matrilinear?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Aliás, é por isso que nosso historiador e inglês diz: o *nyungwe*, aquela senhora *nyungwe* que veio do Malawi era matrilinear, mas veio para aqui, para viver, veio a usar o sistema patrilinear, que encontrou aqui e falou a língua daqui. Aquela Senhora não falava esta língua *cinyungwe* nem.

Então veio aqui e começou a falar a língua daqui. Todos aqueles que vieram aqui começaram a falar a língua daqui. Assim como os *ngonis* foram ficar na Angónia e falaram a língua dos Cewas. Por que o que se fala na Angónia não é Chingoni aquilo. A língua *ngoni* é aquela do Durban Natal, na África do Sul. Mesmo os filhos dos *ngonis* ali não sabem. Sabem agora porque costuma ir,... a dizer que é a língua dos pais deles.

Aqueles vieram como soldados, dominaram aquilo ali, e eles acabaram morrendo, casaram os Cewas e estão a falar *cewa*.

Então, aquela senhora que veio ficar aqui, aquela senhora falou *cinyungwe* porque aqui se falava *cinyungwe* e *cinyungwe* é essa dos *cikundas*.

**António Alone Maia:** Na família *nyungwe*, o *nyungwe* tem uma família monogâmica ou existe poligamia entre os *nyungwe*?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Portanto, o *nyungwe* utilizou, portanto quando chega aqui nesta zona de usos e costumes patrilinear. Aqui é monogâmico. Mas com o andar do tempo, os usos e costumes começaram a mudar, usam a poligamia. A poligamia é também frequente, a poligamia é frequente.

**António Alone Maia:** E como é que o *nyungwe* explica essa questão da poligamia? Como é que surge?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Exatamente, surgiu,.. quando fui perguntar os velhos e os velhos dizem:

— *Kukhala na nkazi mbodzi, nkukhala na diso libodzi. Kukhala na akasi awari nkukhala na matiso mawiri*, isto é: ter uma mulher é ter um olho e ter duas mulheres é ter dois olhos.

**António Alone Maia:** Falando ainda da família *nyungwe*, como podemos entender o parentesco *nyungwe*? É uma família composta por pai, mãe e filhos ou tem outros agregados?

**Domingos Magestade Chaguluka:** É verdade porque, como somos da origem Bantu, mesmo que nós estejamos em um grupo pequeno da tribo, somos da tribo pequena. O *nyungwe* considera família pai e mãe, pais, irmãos da mesma mãe, irmãos de mãe diferente, primos, e outros e outros. Por exemplo e quais?



A família *nyungwe* é extensa. Pode se querer dizer que a família *nyungwe* é extensa. Só que agora, por causa da civilização, a família está a confinar-se só entre pai, mãe e filhos.

Mas em tempos passados, era extensa essa. Basta sermos vizinhos para sermos irmãos. Basta o amigo do meu avó, o amigo do meu avó é o meu avó também. Amigo do meu pai é também meu pai. Então entre nós todos éramos, e o *nyungwe* diz que somos família. Não há ninguém que é vindouro entre os *nyungwes*. Basta você casar na casa, você é família, você basta ser genro dali, então é família. Então a sua esposa, o genro, os irmãos do genro, as irmãs é tudo família. É uma família. É uma família alargada. É uma família alargada. Só que agora por causa da civilização e a civilização acarreta custos monetários, onde para aconchegar, fazer manutenção de uma família tão grande, tão vasta está a ser um poucadilho complicado. Então está já a mudar. Até entre os vizinhos não se dão. Entre primos não se dão e até entre irmãos não se dão. Agora só ficam entre irmãos de pai e mãe. Assim do mesmo pai e da mesma mãe.

Estamos a ir para um desenvolvimento não sei de quê! Global, não sei globalização! se calhar, mas parece...!

**António Alone Maia:** Então o sentido de família *nyungwe* sofreu mudança?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Sofreu mudança sim. O que era antes não é mais hoje.

**António Alone Maia:** E sobre linhagens e clãs. Existem linhagens e clãs entre os *nyungwe*?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Exatamente, até eu podia lhe perguntar quais seriam as linhagens, o que é linhagem e o que é clã?

Clã exatamente é, como já fui investigar sobre os Clãs. Por exemplo os *chirenjes*. O clã *Chirenje*. Aquele é um *ntupo* (totem) onde caracteriza uma família. Então, normalmente era costume de uma família, constituída de pais e filhos, de pai, mãe e filhos, escolher um animal totêmico, um animal que eles não podem comer.

**António Alone Maia:** Neste caso, os *chirenjes*, qual é o animal deles?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Exatamente, os *chirenjes* aqui, pelo que fui perguntar, há muita diversidade de informações. Mas pelo que fui encontrar isso bem alinhado, *chirenje*, dizem que é um animal, a centopeia, aquela que tem mil pés, parece *nyankalíse* (escorpião), mas em *cinyungwe* se diz *cibambalíse*, tem muitos pés e anda muito. E aquele não morde de qualquer maneira, mas quando morde, o tratamento tem que ser vacina de cobra, porque aquele! você pode morrer. É venenoso aquele bicho, a centopeia. Então os *chirenjes*.

**António Alone Maia:** Qual deles? Tem muitos não tem?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Tem, mas é um deles. Tem um maior, preto e reproduz-se muito. Uma das características dos *chirenjes* é de se reproduzir muito. Então foram escolher aquele animal para conseguir se reproduzir tanto. Esse é um. Dois, é para eles serem ímpares a todos os outros, no sentido de que, aquele animal não morde de qualquer maneira. Eles o que é que fazem para a consagração do *mitupo* (totem)? Vão buscar aquele animal. Oví dizer que o animal tem de ser do sexo masculino, com um determinado tratamento de umas raízes ali, que se vacinam aos filhos para que eles sejam pertencentes a aquele animal totêmico. Aquele é deus. Aquele animal é deus dos antepassados selvagens. Também a ciência fala mal. Diz que os antepassados selvagens. Os homens tinham..! Eu vejo aqui em Angola, por que a antropologia dos portugueses escreveu muito sobre isso.



Então, o *ntupo chirenje*, quando for mordido, aquele que é do *ntupo* de *chirenje* quando for mordido com aquela cobra, basta ir atrás do murro de muché, dar volta e ir para casa cura logo. Mas se for qualquer um, se calhar pode morrer logo. Portanto, *chirenje* são pessoas que se reproduzem muito e andam muito. É por isso, agora consegui uma informação muito fidedigna que diz que os *chirenjes* vieram dos Camarões. São pessoas que andam muito. Eu posso fazer comparação com os *metos*. A *macua meto*. Porque os *mitupos* de Nampula, eu sei, existe o *macua meto* são os que andam muito. *Amuhavani*, *Atakwani*, *Amukwipiti*, então todos esses são nomes...! Então esse *chirenje* eu faço comparação com os *metos*. Os *metos* andam muito. São viajantes. Então, mas não é..! Os primeiros consignaram aquele *mitupo* a ser assim. Mas os outros todos começaram a mudar. Existem outros *chirenjes* que mudaram. Disseram que não. Nós vamos deixar de ser, de obedecer aquele animal totêmico, aquela centopeia e vamos para *Pusi* (macaquinho), ou vamos para outro tipo de animal. Então o que é preciso? É preciso *Kutsantsa Mukho*, acabar, fazer com que, eliminar esse encravamento desse primeiro *mitupo* para seguir o segundo *mitupo*, para que os efeitos do primeiro *mitupo* não lhe façam mal.

Então podemos encontrar um *ntupo* mas com vários nomes de animais totêmicos.

**António Alone Maia:** E com esta mudança, os *chirenjes* podem casar-se entre eles ou não?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Os *chirenjes* agora, fizeram isso para fazer o quê? Como eram do grupo Macombe, eles queriam multiplicar-se, queriam lutar para dominar o mundo, o mundo é deles né! Então, permitiram que entre eles se casassem. Isso seria endogamia, de facto. Exogamia, dizia eu, seria uma tribo ir buscar uma mulher de outra tribo, exogamia. Endogamia é arranjar mulher da mesma tribo. Isto como é que acontece? Então eles dividiram-se: *chirenje wa kuthipa* (cirenje de kuthipa), *chirenje wa ku mingalí* (chirenje de mingalí), *chirenje wa uku* (chirenje dali ou de lá). Porque entre nós podemos nos casar. Os *chirenjes* casam-se entre eles. *Pana chirenje waku thipo* (existe cirenje do thipo), *pana Chirenje wa ku...!* (existe cirenje de...!) é o meu irmão que foi ficar em Tipwe e eu fui ficar em Mingalí, então os filhos podem se casar. Admitem isso. Admitem isso. Eu fiquei muito admirado quando fiquei sabendo disso. É para se multiplicarem, é para serem mais militares, para poderem dominar.

**António Alone Maia:** Existem outro *mitupos* (totens) fora dos *chirenjes*?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Muitos.

**António Alone Maia:** Quais seriam?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Malungas.

**António Alone Maia:** De onde são os Malungas?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Os *Malungas* são mesmo os sobrinhos dos *Chirenjes*. E aqui, são os filhos dos *Chirenjes*. Os *Chirenjes* fizeram filhos e quando os portugueses vieram aqui e começaram a dominar, o Rei Tonga deu filho ao chefe, Joaquim que era comandante do, do, do, de um sitio aí na zona mesmo dos *Chirenjes*. Era misto esse, misto, misto chinês, era português, mas telecomandado, comandado pelos portugueses. Então aquele misto português casou com uma filha do Rei Tonga. Então nascem os filhos. Como usos e costumes daqueles portugueses traziam pombo e comiam. Comiam pombos muitas das vezes. Então os *Tongas* diziam: – *Amalungwa*, porque *malungwa* é aperitivo. *Malungwa* é animal aperitivo era *nkhangayiwa* (pombo).

Animal aperitivo mais desejado, mais preferido por aquele senhor português era *nkhangayiwa*. Então, há *Malunga nkhangayiwa*, há outros *Malungas* que vieram e eram portadores de sal. *Malunga*, porque o *tonga* que é *nyungwe*, diz: *ahh tifunambo* (queremos)



*kalunga*. *Kalunga*, *kulunga Munhu* (sal). Então há *Malunga Munhyu* e há *Malunga Nkhangayiwa*. Então esses *Malunga Nkhangayiwa* representa esses estrangeiros, filhos desses estrangeiros. *Mba azungu* (são brancos), representam honra.

**António Alone Maia:** Esse *kulunga*, tem a ver com *kulumbwa*, já que ali trata-se de comer?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Mas, mas *malungwa* era aperitivo e *kulungwa*...! *Malungwa* era aperitivo, pestisco de *nkhangayiwa*, *akhadya nkhangayiwa* (comiam pombo). Então esses não devem comer *nkhangayiwa*, porque senão deixa de ser *mitupo* (totem). Agora *malunga* de *munhu* era *kunga* comem também, só dizem que não comem *khoma lamunhu*. Não comem não sei posso dizer o quê em *cinyungwe*?! Português. Dizem que numa área, numa área existe uma coisa que é salgada, mas parece um animal marinho, mas que é salgado. Eles não come isso. *Kulungwa khoma la munhyu*. Eles dizem que, eles é que trouxeram o sal. Então, há os portugueses que trouxeram o sal, um grupo que trouxe sal, então são os malungas, então há uns que comiam tanto que foram chamados *Malunga nkhangayiwa*. Por isso tem *malunga nkhangayiwa* e tem *maluga munhyu* (...)!

**António Alone Maia:** Entre esses malungas podem casar-se ou não?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Como *mitupo* não podem se casar. Mas porque não está consagrado, não comeram uma coisa para proibir. Porque para dizer não casar, para dizer não comer quer dizer que se fez um encravamento qualquer, um tratamento para isto impedir e para ser *mukho* (proibição). Só que aos Malungas não ouvi dizer que eles tem *mukho*. Não tem *mukho*. Podem comer *nkhangayiwa* (pombo) ou pode comer *munhyu* (sal), não tem problema. Só que me dizem que não podem comer aquele *khoma la munhyu*. Mas esse *nkhangayiwa*, assim muitos dizem que se vocês comem aquilo que é do vosso *mitupo*, isso já não é *mitupo*, deixa de ser *mitupo* automaticamente. Então, há dois tipos de malungas aqui.

**António Alone Maia:** Quais seriam outros *mitupos*?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Outros *mitupos* são tantos. São tantos né! outros *mitupos* são, por exemplo, *chirongo*. *Chirongo* dizem que são Goas, São Goeses. Porque primeiro antes de vir cá os portugueses, havia Goeses aqui e esses Goeses são os que trouxeram produtos para semear nas zonas ribeirinhas. Então ser *chirongo* significa ser dono das zonas ribeirinhas, onde se faz horta. Então os *Chirongos* são donos das ilhas, de plantações. Vieram de lá de Goa até em Chicoa foram ficar esses Goeses. Então tem significado de pessoas inteligentes também, me disseram, são pessoas inteligentes. Então os Goas. Então os Goas quem são? Pretos de facto na pele, cabelo corrido, mas muito inteligentes.

**António Alone Maia:** Eles tinham uma proibição?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Eles não tem proibição, só eles não podem comer porco, não pode comer não sei o quê!. Esse não tem proibição, *chirongo*.

**António Alone Maia:** Eles podem se casar entre eles ou não?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Eu pelo que sei, eles aqui foram proibidos a casar entre eles, mas alguém me disse que eles, entre eles casam e até são os que envenenaram os *tongas* ali para se casarem. Então uns deveriam casar e outros não. Mas aqui não se deviam casar. *Chirongo*, *chirongo*, eles casam-se.

**António Alone Maia:** Existem outros *mitupos* para além destes?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Existem muitos. Existe por exemplo os *Aphiri*.



**António Alone Maia:** De onde são os *Aphiri*?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Os *Aphiri*, eu vou falar, se calhar eu não me esquecí. Quando eu fiz o meu curso em Nampula, o escritor moçambicano e os padres iam buscar muita literatura do escritor moçambicano, do Senhor Brazão Mazula. Então, o Senhor Brazão Mazula escreveu numa determinada altura num dos seus livros e disse: Os cewas vieram, quando vieram de onde vieram chegaram no Malawi, eram da mesma linhagem, da mesma família e falavam a mesma língua. Só que num belo dia, um grupo de cewas entendeu viajar para um determinado sitio. Então quando aquele grupo pernoita numa montanha chamada *Kaphirintiwa*, como era altura de guerra, dividiram-se em dois e disseram: um grupo deve dormir lá no cimo da montanha e o outro deve dormir aqui em baixo da montanha. Então, assim fizeram. Quando amanheceu, o grupo de cima entendeu cumprimentar os de baixo e disse:

— *Mwadjuka bwanji a Banda?* (Como acordaram vós lá de baixo?)

Então *Banda* é nos ladeiros da montanha. Então os dos ladeiros da montanha responderam:

— *Ta dzuka bwino ka andzathu aphiri.* Então a dizer os da montanha (Acordamos bem, não sabemos vós lá da montanha?).

Pronto, ali dividiram-se em dois, em duas linhagens em *mitupo* dos Cewas. Tinha um *ntupo* só, uma linhagem. Então dividiram-se entre *Aphiri* e *Abanda*. Então existe aqui na província de Tete a *Banda* que vieram diretamente do Malawi, do Ngintchi. Vieram de lá diretamente para aqui. Agora, ouve outra divisão, porque isto aconteceu no reinado de Kalonga Chinkole. O Kalonga Chinkole era o irmão do Kawaundi. Então dividiram-se o reino. Um foi para Zâmbia, foi ser o Rei dos Cewas então com ele foram os Bandas também. Existem Bandas vindouros de Katete Zâmbia que são os mesmos, como diz o Senhor Mazula, o Senhor Doutor Mazula, não são diferentes, são da mesma linhagem. Vieram de onde? Vieram de Gana. Mas quando vamos vasculhar não vieram de Gana, eles vieram da Eritréia os Cewas a descer pela África abaixo. Os Cewas vieram de muito longe. Nós os Nyungwe é que somos os subgrupo. Mas esses grupos vieram de muito longe.

**António Alone Maia:** Teríamos mais outros mitupos?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Sim, os *Amakate*. É por isso que, quando chegam aqui em Tete, vai perguntar ali temos aqui *Kalowera*, aqui no *Mpadwe*. O nome *Mpadwe* os portugueses entenderam mal. Então quando os portugueses chegaram lá, disseram: aqui como é que se chama, esta zona?

Disseram aqui é *Mbadwe*, *mbuto ya mbdwe* (lugar de nativos). Os que nasceram aqui, são os autóctones, os indígenas. Então como os portugueses não sabiam, escreveram *Mpadwe* e não *Mbadwe*. Então vamos ver que, *Mbadwe* são os habitantes dali.

Estão ali os San'gombes, os Makates, e outros. Então é um conjunto de grupos que ficaram ali, se calhar até junto com aquela senhora que foi viver ali, fizeram uma família ali. Mas os Makates vieram de Murewa. Makates é um grupo de pessoas que veio de Murewa, de Chidze nkota. O símbolo animal, o animal simbólico deles é Pusi (macaquinho). É *pusi*, *ka pusi*, *kakolokolo*. Vieram para aqui. Por que essa movimentação de pessoas? Por causa das zonas de minério, onde o Monomotapa mandava extrair minério. Então por isso vieram do Zimbabwe no Murewa. Vieram para aqui. Então, nós nos nyungwe podemos encontrar uns *nyungwe makate*. Mas se pergunta do *makate*. *Makate* veio de Murewa em Mutare no Zimbabwe, é lá onde tem os antepassados. Eu estive agora a falar com alguém, disse que os Macates quase que faziam milagres. Há uma pedra onde um dos do grupo de *makate*



pisou ali, a perna, a pata está calcada ali e toda a gente vai ali ver, lá mesmo em Murewa, e dizem que os Makate passaram por aqui. E todos os *Malombos*, tipos de *Malombo* que cai aqui: As pessoas batem as mãos: *Mwatchoka kuponi amakate?* (de onde saíram sua excelência makate?) *Ta tchoka ku Murewa* (saímos de Murewa). *Ndife a Makate wa cayiwo wa cayiwo* (somos os verdadeiros makates). *Zwino izwo zwa kadawa*. Então, todos os Makates vieram de Murewa, com o animal simbólico o macaco.

**António Alone Maia:** Eles não podem comer o macaco?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Não podem comer o macaco. Mas dizem que é um macaco pequeno. É *pusi*, é mais *pusi* do que macaco. Mas só que é um macaco grande em relação ao *pusi* e o *pusi* é pequeno em relação ao Macaco.

**António Alone Maia:** Está entre o *kolo* e *pusi*?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Sim, está entre o *kolo* e *pusi*. Então é Makate. Outros dizem que ah, *makate* porque quando andavam, andavam com *mikate*. *Mikate* é aquele pão, se calhar faziam isso, *mikate ya ntcewere*. Mas eles são *makate*, são vindouros de Murewa. Mesmo os Machipissa e outros são Alícewas. Há um *mitupo* Alícewa, são do Malawi, vieram aqui quando isso começou a civilizar, todos, começou a ser centro de aproximação, de concetração de etnias, de tribos.

**António Alone Maia:** Machipassa esse?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Esse Machipissa. Falei com o irmão dele que é professor, disse que nós, nosso *mitupo* é *Alícewa*, *Alítcowa*. *Alítcowa* significa o rabo de animal. Então, vindos do Malwi.

**António Alone Maia:** Que animal é esse?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Qualquer animal. Aquele animal, todo aquele animal que os *nhabezi* (médico tradicional) usam para adivinhação. Aquele, é *alícewa*. Então eu disse, o senhor Machipissa não é daqui. Mas não é. Mas como fez filhos aqui é daqui. Tete não era habitado, eles vieram de lá, como os outros vieram daqui e acolá, nós viemos de lá. Somo todos *nyungwe*.

**António Alone Maia:** E esses mitupos podem casar-se entre eles ou não?

**Domingos Magestade Chaguluka:** A primeira proibição é não se casarem entre eles e se assim acontecer é transgressão da lei tradicional. Eu já descobri alguns que se casaram entre eles, mas é proibido. E depois quando vamos para os *matete*, esses os *matete* ainda continuam com a tradição rigorosa de não casar *matete* com *matete*. De onde são esses? Antes de chegar os portugueses, chegaram aqui os Suwahilis. Os *matete* são Suwahilis. Foram viver ali, havia uma mina, então foram viver no Mazoe. Então, há uma montanha que é chamada Matete e eles foram lá fazer machamba em cima da montanha Matete, *Bango Matete*. Esses são Suwahilis. Então, Amatete é porque *ambadziwa kugwata mitete kukondza bzinthu* (sabem cortar caniços e fazer algo, coisas). É como no Songo ali, em cima da montanha fazer machamba. Os Suwahilis casaram aqui. Então o Rei daqui deu nome, mulher, alguma coisa, algum trabalho. Para ter algum *mitupo* significa que fizeram algum trabalho para o Rei Tonga para ele merecer aquilo aí.

**António Alone Maia:** A mulher que veio aqui antigamente, ela viveu ali onde está a fabrica de tabaco?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Mais ou menos naquela região.

**António Alone Maia:** Então ali há uma confluência de vários Mitupos?



**Domingos Magestade Chaguluka:** Exactamente, há uma confluência ali: A *San'gombe*, A *Matete*, a *Makate*. *Mbadwe*, eles se consideram os donos. *Ndife wa ku mbadwe* (Somos lá dos nativos). Isso está registrado, porque a ARPAC escreve.

**António Alone Maia:** Então, nós temos muitos mitupos em Tete?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Muitos.

**António Alone Maia:** Os Nyungwe são ricos em *Mitupo*?

**Domingos Magestade Chaguluka:** São. Tiveram sorte de serem aproximados por muita gente. Um dos mitupos é aquele *Aphiri*, os Zulus quando saíram de Durban Natal, os Angonis dominaram aqui essa faixa aqui, foram atravessar por Chicoa acima, aqueles também tem os seu mitupos. Basta saber um dos mitupos é tal fulano, são eles.

**António Alone Maia:** Ah, eles passaram por Chicoa?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Sim, sim, para atravessar. O primeiro grupo atravessou por Chicoa, fizeram isso, partiram todas as canoas, levaram as mulheres para lá para Angónia. Então o segundo grupo dos Angoni passou por Lupata, onde até tem possibilidade de se fazer uma barragem. É uma montanha assim onde deixa o Zambeze entre duas montanhas. O Zambeze passa como se fosse uma coisa de nada aí. Daí esse nome *Kupata*, *Kupatira*, *Kumpatapata* (apertado). Então o segundo grupo dos *ngoni* passou por ali. Os *ngoni* não resistiram aqui porque houve seca e essas secas nós chamamos *Mwanthotha*, *Mtcidiwa* não sei que. Eles não resistiram nesses tempos de 1880, 1700 e tal. Então não resistiram, foram ficar nas montanhas de Angónia ali onde se diz Angónia hoje, mas não era Angónia, onde ali se produz. Os *ngonis* foram dominadores. Vamos ver né, eles fizeram quartel general na Zâmbia, fizeram quartel general no Malawi e fizeram quartel General até na Tanzânia foram colonizar e depois tiveram que regressar e sobreviveram na Angónia. Eu pergunto agora se o *ngoni* que estão a falar é aquele? Mas muitos miúdos não sabem e dizem:

Ai eh, *timayankula nguni* (aié, nós falamos a língua *ngoni*). Mas se *cingoni*, não é *cingoni*.

**António Alone Maia:** Porque é que eles teriam partido as canoas?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Não foi guerra, eram soldados. Não foi de paz aquilo, foi uma operação. Então a operação, não sei que nome poderiam dar aquela operação. Partiram as canoas, mataram os homens e levaram as mulheres. Os *ngonis* atravessaram. Primeiro atravessaram e depois partiram as canoas. Porque havia também o grupo dos Macombes que também estava a perseguir a eles. É por isso é que se vê alguns Macombes a ficar no Songo e não sei a onde, essa gente toda, a ficar em Marara alguns foram para ir combater com os *nguni* até no Zumbo combateram com os *nguni*. Outros foram na mineração, outros foram convidados. Ouve três motivos que levaram a expansão dos Tongas para ali. Então, basta encontrar no Songo um Cirenje, basta encontrar no Songo um Malunga não é dali. Como é que foi parar? Se calhar foi para ali para ir combater e depois quando acabou não quis voltar. Acabaram ficando no Songo. No Songo, são *nyungwes* aí, são esses *cikundas* aqueles.

**António Alone Maia:** Havia um Senhor chamado Cirenje lá no Songo?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Tem, são daqui, *Cirenje*, *Mingalí*, tem muitos *Mingalís*. Tem uns *Mingalí* perto aqui de Changara. Falei com uma senhora e ela sabe muito bem porque aqueles que eram curandeiros tinham muita história na cabeça. Disse toda aquela gente do Songo, até eu tenho o meu avó, pai da minha mãe foi chamado *Madema*, mas é de *Mungari*. Por que é que é chamado *Madema*? Por que também passou por ali, foi a lutar com essa guerra de *Macombe*. Passou por ali e depois voltou para aqui. Então, todo



aquele que passou por zona dos Madema, zona do Songo e Estima são chamados Madema, até uns tem o orgulho de serem Mademas. Vieram dali. Mas meus pais não são de lá.

**António Alone Maia:** Nessa perseguição dos Macombes com os Ngunis alguns acabaram ficando aqui no caminho?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Sim, acabaram ficando de vez e se estabeleceram logo, por causa de situações boas de cultivo, casar. Como acabei dizendo no tempo passado, os melhores *nkuwasas* (genro) dos Ntauaras são os Tongas, então, estabeleceram-se aqui até Zumbo. Até no Zumbo existe uma língua que se chama *cikunda*. *Cikunda* não é diferente de *cinyungwe*, só que nós falamos um pouquinho mais devagar. Nós dizemos *bwera kuno* (vem cá) e aqueles aí dizem *bwerakuno* (vem cá), mais rápido. Há só essa diferença de acentuar mais a linguagem. São aqueles nossos antepassados que foram para ali. Portanto, não há diferença, só no Vale do Zambeze.

**António Alone Maia:** E o seu compadre conseguiu escrever alguma coisa?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Meus compadres conseguiram escrever alguma coisa em *cinyungwe*, tenho o meu amigo, aquele que falou de *lukaho*.

**António Alone Maia:** Ele publicou um livro sobre isso? Quem será, é o Hipólito?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Não, o Hipólito é que é o meu compadre. Mas esse meu amigo era o Mana, é misto esse. Escreveu *mitupo*, não escreveu *lukaho*. Ele dizia ali no Songo há *lukaho*.

**António Alone Maia:** Essa tradição vem de onde? Tem algum grupo específico que se destaca com esse *lukaho*?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Mas é uma ciência. É ciência. É uma ciência tradicional. Essa é ciência tradicional porque todo o homem tem a sua ciência na cabeça. Só que, posso dizer ciência tradicional oculta porque está oculta ainda e não está a descoberta. Até se houver alguém que descobre aquilo, se calhar eles podem até fazer mal. É uma ciência. Por exemplo, eu andei a investigar muito porque o meu pai curava e eu procurei saber com outros curandeiros. Investiguei muito em Nampula e aqui. *Lukaho* vem da palavra, definição do *lukaho*. Alinha (a) *Lukaho* é *Kukawa*. *Kukawa* é, uma pessoa se pisa aqui, podemos levar essa areia que você pisaste para ir fazer um tratamento para você passar mal, para você ficar doente. Então *Kukawa*, chamamos isso de *lukaho*. *kukawa*. Então *lukaho* é aquela doença que se leva raízes, tratamento de raízes com um determinado animal e dar de comer ou fazer tatuagem a mulher. Porque *lukaho* é somente e somente aplicado às mulheres. Eu nunca vi *lukaho* aplicado ao homem. Mas se calhar existe, as mulheres podem também aplicar ao homem. Mas aplica-se as mulheres para que, aquela mulher, quando quiser se prostituir, o ladrão, o prostituto ser agarrado, ser pegue imediatamente ali. Eu tenho, se calhar os velhos até podem ficar chateados por me informarem. Mas é segredo. Mas podemos chegar mais longe e dizer que isto é verdade, isso existia muito no Songo. Eu vi amigos que se meteram com meninas sem autorização dos pais que acabaram sentido dores da barriga e quando chegaram em casa acabaram cagando todas as tripas. Quer dizer era diarreia e acabaram cagando todas as tripas e morreram. Portanto, é muito perigoso. Há *lukaho* de cobra venenosa essa Mamba, basta andar com a mulher “do dono você” morre imediatamente. *Lukaho* de *bvembe* (melancia), você começa a inchar inchar. *Lukaho* de (...). Portanto são coisas que, eu não sei porquê é que a mulher é que, depois de vacinada não pode transmitir a outros homens. Não transmite. O Homem pode andar com outras mulheres e não transmite as outras mulheres, mas também se estiver vacinado. Se não estiver vacinado vai apanhando outros *likahos*. É uma ciência, isso é uma ciência. Só que, como a África, a ciência convencional tem vergonha de investigar a ciência tradicional.



Então começa a dizer que isso é mentira, é o quê, não sei que (...). Mas a verdade é que existe. Existem animais com espírito de possessão, existe possessão, não sei o que queria dizer. Você come um determinado animal para depois quando você morrer ressuscitar um animal como o Leão. Ou você, para vir ser malombo, isso aí. Ou existem animais que você pode fazer, por exemplo vamos ver, rícino, a planta de rícino os padres proibiram. Proibiram a onde? Eu estudei antropologia, os portugueses escreveram muito em Angola (...). Andaram a escrever os usos e costumes dos povos e foram ver que, se aquilo for publicado, toda gente vai fazer. Então (...) acabaram rasgar os livros para as pessoas não saberem. Por que depois ver é fácil, vai buscar uma raiz, vai fazer isto e mais aquilo. Então há-de ver que você está a conseguir. Então os missionários (...).

**António Alone Maia:** O rícino era usado para quê?

**Domingos Magestade Chaguluka:** O rícino é usado, por exemplo, aquela, a semente própria. O técnico da medicina tradicional pega na jiboia, naquela cobra venenosa corta, deita no chão, põe a areia na boca, põe a semente de rícino na boca e começa a crescer. Começa a crescer. Então, tem um efeito depois para se trabalhar com ele. Ou pode pôr a semente de abobora. Aquela abobora cresce. Então, leva-se umas raízes, com as raízes daquela abobora junta-se e vacina-se a pessoa. Isso para quando a pessoa for mordida com aquela cobra é vacina, não morre. Porque veneno daquela cobra Mamba são três minutos, pelo que eu sei. Não sei se mudou, mas três minutos morre logo. Mas o africano não morre quando já está vacinado. Depois vai vacinar de novo e cura logo. Aquela cobra não mata. Então é medicamento contra o veneno da cobra, aquela que é a cobra venenosa né? É um antibiótico. Cria um antibiótico. Eu fui ver que isso é uma ciência. Basta ser isto desprezado para dizer que os africanos não sabem nada. Mas o africano sabe e esconde e esconde muita coisa que não vai dizer, porque tem vergonha, por que os que vão lhe perguntar vão lhe perguntar com ameaças. Como é que você sabe! Aliás, eu soube de uma história de um amigo, contou-me a história de um senhor administrador que tinha a sua esposa com cancro da mama em Catandica. Então, de quando em quando a senhorinha ia para Beira para tratamento e não sei o que. Então o cozinheiro perguntou: O que se passa minha senhora? Ah não, sabe o que essa mama.

Disse o cozinheiro: Mas não se pode curar isso? Essa mama?

A senhora respondeu: Ah isso não se cura.

Disse o empregado: Senhora eu posso curar.

— Ai eé?

Então foi ao mato e tirou raízes e não sei o quê, juntou e disse: – Minha senhora põe aí junto a mama e tapa com lenço ou sutiã.

Fez aquilo durante uma semana, duas semanas e a terceira tirou porque tinha ido fazer controle na Beira. O médico disse que o cancro estava minimamente reduzido. A segunda vez, a terceira vez o senhor Doutor viu que o cancro estava eliminado.

O médico perguntou a senhora: – O que é que a senhora fez? Diga lá, o que fez? – Não fiz nada. O Doutor disse: – Você fez.

Então começou a dizer: – Foi o meu trabalhador lá, o cozinheiro fez isso e mais aquilo.

— Então vamos lá.

Foi junto o administrador com os sipaios e perguntaram:

— Você o que fez a senhora?

E o cozinheiro ficou a tremer.

— Não, diga lá!

Então em tom de língua que ele não entendia, o cozinheiro acabou dizendo que não fez nada. Acabou dizendo que não fez nada. E meteram-lhe na prisão e quando saiu não foi mais trabalhar para aquela senhora, por causa do senhor administrador. Fez mal, isso é anti-cultura. São um tipo de colonialismo. Não podemos dizer só colonialismo, mas todo o estrangeiro quando chega numa casa tem que saber o que é que se faz nessa casa para depois poder saber como atuar. Os portugueses não quiseram saber o que se passa, então fizeram isto e muita coisa ficou para baixo. Aliás, uma das coisas daquele governo era eliminar a ciência dos que não sabem, dos africanos para elevar a ciência dos que sabem. É por isso que agora estamos atrasados. E existe muito medicamento. No campo de medicamento existe que sara não sei o quê, não sei o quê. Mas os velhos disseram que nós não vamos te dizer tudo, senão tu vais dizer aos brancos, eles vão fazer medicamentos e tu é que vais ganhar dinheiro e nós aqui estamos sem fazer nada. Não falam, não falam.

**António Alone Maia:** O africano tem muito segredo?

**Domingos Magestade Chaguluka:** sim, me disseram a mim que *mankwla ya mba-limba nkubisa* (o medicamento cura/funciona quando você esconde). O medicamento quando você divulga já não faz efeito de curar. Mas será verdade? Eu perguntei de mim para mim. Não é uma questão de esconder, estavam a dizer para não dizer a ninguém. Eu agora tenho cinquenta e tal anos, estudei muita coisa em Nampula de Macanga, de onde, dali do Songo e eu não sei muita coisa, porque existem pessoas que sabe muita coisa, mas aquilo que eu sei dá para admirar. Dá para admirar e não dá para divulgar, porque quando divulgar vão me perguntar: Quem é que te disse? E eu tenho que lhes mostrar. Agora eu vou ter que lhes mostrar que tal fulano me disse isso e aquilo? Coisas boas, mas coisa mãs vão dizer que iii está mentir esse. Vai recusar. Não gosta de ser testemunha daquilo que sabe porque os adultos disseram não divulgar. São coisa do estudo privado. São segredos. Agora se querem que a gente divulgue criem salvaguarda de facto. Aquele regulo, porque uma vez eu fui no secretário ele dizia que tem que fazer isto e mais aquilo, mas cria segredo porque aquele senhor secretário disse. Mas há muita coisa boa, mas há muito mais coisa mã. Muito mais coisa mã existe sobre (...). Aliás o que cura pode matar, eu vejo isso na medicina universitária. Basta aumentar a dosagem você está a matar e pronto. Por isso eu disse, eu sei alguma coisa mas não vou começar a curar agora porque eu sou pequeno, só quando for velho a situação tem mais respeito. Eu aprendi a medicina tradicional, aprendi a medicina tradicional dos chineses que chamariam esses de acumpultura de tirar doenças tipo milagre. Então, há uma ciência própria e eu conseguí comprar os livros. Mas eu vi que aqui na África não pode ser usada ainda.

**António Alone Maia:** Aprendeu a onde essa medicina chinesa?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Eu tinha o meu chefe o senhor Rogério e ia para Portugal e de Portugal para China. E então por correspondência havia livros que mandavam e eu comprei. São e eram caros né? Um milhão e quinhentos, mil e quinhentos, dois milhões e quinhentos. Eu me interessei para ver qual é a medicina tradicional dos chineses que passou à medicina convencional, porque eles mostraram que A+B que aquilo cura. Como eu já estava no A,B,C e D da medicina tradicional africana aqui então foi me fácil para me interessar, saber o que os chineses fazem. Eu ví que há uma diferença de facto. E é muito importante saber de facto.

**António Alone Maia:** Isso foi durante aquele tempo que ficou no Songo?

**Domingos Magestade Chaguluka:** Sim, eu fiquei no Songo trinta e dois anos. Naquele tempo eu aprendi com os portugueses muita coisa.



**António Alone Maia:** Sr. Domingos muito obrigado por ter aceite o convite de fazer parte desta entrevista.

**Domingos Magestade Chaguluka:** Eu é que agradeço. Qualquer preocupação estarei sempre à disposição.

-----//-----

## Glossário

**ARPAC** – Instituto de Investigação Sociocultural.

**Chabwedzeka** – Participio passado do verbo kubwedza, arrebentar. Chabwedzeka significa o que foi cortado, arrebentado.

**Chagaka** – Participio passado do verbo kugaka, acender. Chagaka significa o que foi acendido.

**Chaguluka** – Participio passado do verbo kugulula que significa , tirar, retirar. Chaguluka significa algo que se retirou; que se tirou.

**Chambuluka** – Participio passado do verbo kumbuluka que significa voar. Chambuluka significa algo que voou. Nas relações de oposições seu oposto é chambutha, que significa aquilo que aterrou.

**Chapenha-** Vem do verbo kupenha, acção de abrir os olhos. Chapenha = aberto é o que substituiu Gona kumbuyo (que morreu). Nos nomes está presente a relação de oposições, fechado # aberto; adormecido # acordado.

**Chathima** – Participio passado do verbo kuthima. Chathima significa o que foi apagado. Nome que carrega uma relação de oposições. O oposto é chagaka, isto é, aceso.

**Chona(s)** – Um grupo étnico do Zimbabwe, e o nome também significa a língua falada por este grupo.

**Gona kumbuyo** – Literalmente significa aquele que dormiu ou que dorme atrás. Nome metafórico para referir aquele homem que morreu e está a dormir lá atrás. A pessoa que lhe substituiu no casamento voltando a casar com a sua esposa toma o nome de chapenha, que significa, aquele que está aberto, acordado, o ressurgido enquanto o outro é o apagado, o adormecido.

**Iwe na ucikunda bwakobo, na umakombe bwacobu** – Você com essa sua malandragem ou maneira de ser e fazer como a dos chikundas; com a sua malandragem como a dos makombes.

**Ka nyu gwe** – ali onde se mergulha e se tira.

**Ka pusi, Kakolokolo** – Macaquinho, macaco pequeno.

**Kalowera** – Monte mais alto que está na cidade de Tete e por sorte o único. *Ku lowa* significa entrar. O monte está no poente da cidade, do lado onde o sol entra. Sendo assim associou-se a localização do monte com a posição do sol. Portanto, *kalowera* seria o monte que está no pôr do sol. Kalowera é lá onde o sol entra.

**kugwezeka** – Em cinyungwe significa amontoar.

**Kulumbwa** – Atitude de comer tudo em qualquer lugar; não ter limites no comer onde quer que seja. Alguém que tem este hábito é chamado de *nhakulugwa*, alguém que come tudo em todos os lugares, não tem limites. O atributo é no sentido negativo.



**Kunhula** – Em cinyungwe mergulhar.

**kunula** – Em língua nyungwe tirar da água algo submerso.

**Kutsantsa Mukho** – Acto de acabar com uma proibição ou tabu.

**Lukahho** – Doença que se adquire quando alguém mantém relações sexuais com uma mulher tratada por um remédio tradicional que tem vários efeitos no homem. Dependendo do tipo, a demora na confissão pode levar a morte. A cura depende da rápida confissão a que o homem está sujeito e que vai determinar o procedimento terapêutico a ser seguido. A respeito dos vários tipos de likankho pode-se consultar a obra: Saúde e Doença na cultura Nyungwe: um olhar Antropológico teológico. Disponível na livraria: Novas Edições Acadêmicas. ISBN-13: 978-3-639-69195-5.

**Madipa** – Lanças

**Malombo (s)** – Danças cerimoniais tradicionais que acontecem num processo ritual e que envolvem a manifestação de espíritos, ou seja, durante a dança, baixa um espírito e manifesta a sua vontade. Há vários tipos de malombos: de leopardo (*ya nhalugwe*), de macaco (*ya akolo*); de cobra (*nhanzalumbo*); durante a dança, os dançarinos bebem muito. Não pode acontecer uma sessão de malambo sem bebidas. Estas ajudam os dançarinos a entrar em transe e em contacto com a dimensão do etéreo.

**Mikate** – Pão tradicional feito de farinha de mapira/sorgo ou milho misturado com amendoim. É igual a pamonha. Preparado na base

**Mikate ya ntcewere** – Pão feito na base de farinha de maxoeira.

**Mpadwe** – É um bairro e fica localizado próximo do monte kalowera no lado nascente.

**Nhabezi** – Médico tradicional.

**Nkwasa** – Genro

**Nthaka** – Acto e pratica de substituir no casamento a alguém que morre. Por exemplo quando um homem morre, alguém deve casar com a viuva e esta pratica chama-se *Kipita nthaka* no centro do vale do zambeze e no sul do Vale do Zambeze chama-se *kupita kufa*.

**Ntupo** – Totem.